

NOVAS PRÁTICAS CULTURAIS: IDOSOS EM REDE

Karoline Leite Guedes de Oliveira¹;

Mestre em Informática na Educação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: karolleiteguedes@gmail.com

RESUMO

Acredita-se que o envolvimento em novas práticas culturais referente ao universo digital emerge em função da pressão social por se manter atualizado e, também, como forma de aproximação da família e amigos de gerações mais novas. A presente pesquisa propõe-se analisar a estruturação e organização dos processos de inclusão digital para que haja a apropriação de novas práticas culturais mediadas por tecnologias em rede com idosos. A partir deste enfoque, buscou-se analisar as mudanças que se evidenciam nas práticas culturais destes sujeitos quando mediadas pela tecnologia. A metodologia utilizada baseou-se na netnografia do tipo blended, que envolve, tanto a etnografia como a netnografia. O público alvo desta pesquisa são 13 idosos que apresentam o interesse em apropriar-se das novas práticas culturais através do uso da tecnologia. Esta proposta de estudo se desenvolveu ao longo de dois anos e possibilitou a coleta de dados a partir da observação participante, diário de campo, entrevistas semiestruturadas, questionário com questões abertas e fechadas e registros on-line dentro da comunidade. Através destes instrumentos, constatou-se a relevância da formação a longo prazo com planejamentos e encontros sistemáticos a fim de que sejam acompanhadas as mudanças na construção das novas práticas culturais. Averiguou-se que os letramentos mobilizados por alguns dos sujeitos participantes encontravam-se em níveis diferenciados e em contínuo desenvolvimento.

Palavras-chave: Inclusão digital; idosos; práticas culturais; letramento; intersubjetividade.

ABSTRACT

It is believed that engaging in new cultural practices related to the digital universe emerges due to the social pressure to keep updated and also as a way to approach the family and friends of younger generations. This research proposes to examine the structure and organization of digital inclusion processes so there is the appropriation of new cultural practices mediated technologies networked with seniors. From this approach, it sought to analyze the changes that are evident in the cultural practices of these guys when mediated by technology. The methodology used was based on netnography type blended, involving both ethnography as netnography. The target audience of this research are 13 seniors who have an interest in appropriating the new cultural practices through the use of technology. This study proposal was developed over two years and enabled the collection of data from the participant observation, field diary, semi-structured interviews, questionnaire with open and closed questions and online records within the community. Through these instruments, there was the importance of long-term training with planning and systematic meetings so that the changes are accompanied by the construction of new cultural practices. It was established that the literacies deployed by some of the participating subjects were at different levels and in continuous development.

Keywords: Digital inclusion; elderly; cultural practices; literacy. intersubjectivity.

INTRODUÇÃO

A sociedade da informação caracteriza-se pela difusão e aumento de informações e conhecimento que continuamente geram, novos saberes (CASTELLS, 1999). A rede configura-se como um espaço interativo. Para Lévy (1999, p. 92), o ciberespaço é constituído como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.

As novas práticas, o letramento, emergem em função das tecnologias de comunicação eletrônica que envolvem o computador e a internet, além da utilização de outros recursos como celulares e os tablets. O letramento é uma prática cultural que envolve a produção de sentidos e significados em processos de leitura e escrita do mundo (SOARES, 2003). Esta prática sofre variações em relação ao tempo e cultura, e ainda observa-se, variações dentro de uma mesma cultura. Em função disto, justifica-se a existência de práticas tão diferentes em contextos diversificados.

Segundo Warschauer (2006), as práticas de letramento estão associadas ao ser letrado que possui domínio dos processos dos quais as informações culturais significativas estão codificadas. Como pode ser visto, o letramento é uma habilidade contextualizada que faz parte de um período histórico. Portanto não é sua característica a neutralidade.

Nesse sentido, autores como Warschauer (2006) denominaram o termo letramento eletrônico para explicar as práticas que são mediadas por tecnologias da informação e comunicação. As práticas do letramento eletrônico são expressões amplas que estão associadas a outros tipos de letramento genéricos da era das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) proveniente tanto da tecnologia como do cenário social que inclui os letramentos a) por via do computador; b) informacional; c) multimídia; d) comunicacional mediado por computador. Estes serão discutidos no item resultados e discussões.

Partindo do exposto, a presente pesquisa se propõe a analisar a forma para estruturar e organizar processos de inclusão digital para a apropriação de novas práticas culturais mediadas por tecnologias em rede com idosos. E a partir dele, a) Como se manifestam processos intersubjetivos nos sujeitos de um processo de inclusão digital centrado, especialmente, na participação numa comunidade como elemento aglutinador?

METODOLOGIA

Esta pesquisa fundamentou-se especificamente na netnografia do tipo blended (KOZINETS, 2010). Esta que se refere à utilização da etnografia e da netnografia de forma complementar. A etnografia diz respeito ao estudo que busca compreender como as pessoas interpretam o mundo que as rodeia ou como organizam suas vidas (LÜDKE E ANDRÉ, 2012). Segundo Kozinets (2010), a netnografia é um tipo de etnografia adaptada para acompanhar as relações mediadas por computador.

Para Passerino e Montardo (2006), a netnografia exige combinação imersiva que envolve a participação e observação das comunidades pesquisadas. Assim, neste cenário, é fundamental que o pesquisador deva ser reconhecido como um membro da cultura, constituindo-se como um elemento significativo do trabalho de campo.

Para tanto, a referente pesquisa focou-se em de dois espaços, o virtual, as redes sociais, a comunidade do Orkut e o grupo no Facebook, bem como, os encontros presenciais. Como instrumentos de coleta de dados utilizaram-se as entrevistas semiestruturadas, sendo individuais e presenciais, questionários com perguntas abertas e fechadas, diário de campo e observações dos participantes.

Quanto as entrevistas de caráter semiestruturadas partem da combinação de perguntas abertas e fechadas em que o informante possui a possibilidade de narrar sobre o assunto solicitado. Assim, o pesquisador segue as questões previamente definidas, sendo que o ambiente assemelha-se a uma conversa informal. (FLICK, 2004).

A cerca dos questionários abertos, são denominados assim, pois pertencem aqueles questionários onde os respondentes podiam usar suas próprias palavras (oralmente ou por escrito) para responder às perguntas solicitadas. Enquanto que o questionário fechado, o respondente restringe-se a responder questões disponibilizadas pelo pesquisador (FLICK, 2004).

Outro instrumento de coleta foi a pesquisa participante caracterizada pela imersão do pesquisador no ambiente investigado e, conseqüentemente, sua interação com o ambiente, os encontros, tanto presenciais quanto virtuais, são organizados e regidos por, pelo menos, um

integrante da equipe pesquisadora, que acaba por se inserir no meio e visualizar e discutir com os sujeitos suas interações, motivações e dificuldades.

No percurso desta pesquisa foi adotados os diários de campo, além de gravações de vídeos e fotografias. Estes instrumentos são importantes pois possibilitam ao pesquisador que registre, através de suas notas, observações importantes de sua caminhada.

Partindo desta trajetória, buscou-se interagir com os sujeitos, os idosos, no meio virtual, a fim de coletar dados quantitativos, no sentido de quantificar dados referentes à apropriação das novas práticas culturais que circulam na comunidade. Através daquela pesquisa, puderam-se coletar dados referentes às enquetes via Orkut e registros coletados nas interações da comunidade, fundamentais para a análise qualitativa.

Entre os sujeitos, treze aceitaram participar, no qual, onze eram do sexo feminino e dois do sexo masculino, alfabetizados, alguns com curso superior, classe mediana e média-alta.

Ainda sobre a identificação dos informantes, construiu-se um perfil específico dos sujeitos: Sujeito A: Sexo masculino, casado, 68 anos, estudou até a oitava série e vive com a esposa e uma filha. Este não utiliza o computador em seu cotidiano.

Com o intuito de analisar as mudanças nas práticas culturais utilizou-se o Letramento como uma prática cultural que evidenciava mudanças a partir da mediação com tecnologias. Assim, as categorias de análises partiam dos tipos de letramentos estudados por Warschauer (2006). Para a análise da questão proposta focou-se em um sujeito com perfil e imagem deteriorada em relação à nova prática cultural, o letramento.



Figura 1 - Esquema de análise

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise da apropriação de novas práticas culturais, a primeira questão norteadora focou-se, intencionalmente, em um sujeito que foi denominado sujeito A. Este chegou em nosso grupo sem as habilidades necessárias para a utilização básica do computador, ou seja, sem a prática do letramento.



Figura 2 – Perfil do sujeito A

De acordo, com a figura 2, no início da pesquisa, partindo dos instrumentos de análise, entrevista e questionários, o sujeito A não utilizava a internet em seu cotidiano. Suas práticas preferidas eram a cartas e a interação face a face. Portanto, os novos hábitos relacionados a utilização das tecnologias não se constituíram como novas práticas. Entende-se que a falta de familiaridade quanto o uso operacional do computador, da internet e da utilização da rede social Orkut pode ter interferido na ausência de interações deste sujeito neste período.

Contudo, no final de 2010, o sujeito A já apresentava indícios de construção novas práticas. A evidencia foi verificada, quando o mesmo envio um e-mail para a pesquisadora Apesar disto, observa-se que, ao final de 2010, o e-mail foi a prática preferida e adotada pelo sujeito A, constituindo-se assim, como uma nova Prática Cultural mediada por Tecnologia.

Os primeiros e-mails foram enviados para a pesquisadora demonstrando confiança e laço social, (GRANOVETER, 1973). Percebe-se, um possível início de Letramento Mediado por Computador (LMC), segundo Warschauer (2006). Pois o sujeito A busca interagir com a pesquisadora fazendo uso do e-mail.

O sujeito A era visto de forma desacreditada pelos amigos que compõe a comunidade Orkut 3idade. Este perfil de impotência também foi evidenciado através da Entrevista realizada em Dezembro de 2010. Pode-se constatar que através da entrevista (Quadro 1), o sujeito A apresenta-se com baixa autoestima, pois se intitula como burro, cego e mudo por não saber realizar a atividade proposta em decorrência da falta de familiaridade com o computador e seus aplicativos, com a internet e também com a dinâmica de interação da rede social Orkut.

Quadro 1 – Recorte da entrevista inicial - Sujeito A - Dezembro/2010

[...] Eu sou um cego, burro e mudo. Então você tem que fazer para eu ver. Em outras palavras, eu tenho que aprender decorando. Eu não aprendo com raciocínio vis. Oh, por exemplo eu tenho dificuldade em desenho. Entendeu como é que é? Tem gente que vê o desenho e pronto, já sabe como fazer [...].

Fonte: informações coletadas com os participantes da pesquisa.

Nesta evidencia-se o sujeito A demonstra que se encontra com sua imagem depreciada. Conforme denomina Goffman (1988). O estigma constitui-se como atributo que torna um sujeito diferente de outro comum, sendo este “diferente” caracterizado pelo seu caráter depreciativo e inferior.

Ainda abordando a imagem depreciada do sujeito A, os autores Berger e Luckmann (2011) afirmam que os sujeitos são apreendidos por meio “dos tipos” sociais presentes na vida cotidiana, ou seja, dos esquemas tipificadores categorizam os sujeitos de acordo com suas condutas. Deste modo, o sujeito A construiu esta imagem de si, através do olhar do seu próximo, que o intitulava, por exemplo, como “burro” por não saber utilizar a informática.

Sobre as aprendizagens, o sujeito A apresenta dificuldades de apropriação pelo fato de que este formato de interação não pertencer ao seu tempo. Para Kachar (2003) o idoso, por não ter nascido na geração dos ícones, apresenta dificuldades quanto ao manuseio da máquina e suas possibilidades de interação.

As primeiras interações do sujeito A foram evidenciadas no fórum da comunidade 3idade no Orkut a partir de junho de 2011. Essa mudança de perfil ocorre a partir da estratégia adotada pela pesquisadora, na qual se buscou instigar o grupo para participar de forma mais efetiva dos fóruns.

No encontro presencial, a pesquisadora incentiva a criação do tópico “Glossário” fórum da comunidade. Após o estímulo, o sujeito MP se propõe criar o espaço com o intuito de que os participantes sanassem suas dúvidas quanto aos significados das palavras utilizadas na internet. Criado o espaço, reapresenta-se o Google como local destinado e mais apropriado à realização das pesquisas. Em seguida, o sujeito A passou a participar e trazer suas contribuições ao fórum 3idade.

As dificuldades começaram a surgir para entender o significado da palavra tópico. Em seguida, o sujeito não entende o que quer dizer a proposta da atividade destinada a este encontro, buscar palavras que não conhecia na internet. Para esta atividade, de acordo com o diário de campo da pesquisadora, o sujeito A necessita da presença do pesquisador para orientar o sujeito A, pois se sente seguro com sua presença. Dificuldades como essas são pontuadas nos estudos de Kachar (2003).

Sobre os letramentos, segundo Warschauer (2006), o sujeito A para realizar a pesquisa busca fontes consideradas confiáveis (LI), do (LC) para ligar o computador, copiar e colar a informação no local específico e por fim, para interagir e postar sua contribuição na comunidade (LMC). Apesar da dificuldade encontrada, o sujeito demonstra ter alcançado realizar a atividade proposta para aquele dia.

Em 2011, observa-se por meio dos encontros presenciais que os participantes da pesquisa comentavam sobre a rede social Facebook, em função do filme sobre esta rede, e da adesão de muitos usuários, os participantes nos solicitaram para que se formasse um grupo também nessa rede social.

Pois o sujeito A aceita e verifica-se que sua participação inicia-se com mais envolvimento e interesse por que o mesmo passa a interagir por meio de comentários e compartilhamentos. Sobre o letramento como prática, Warschauer (2006) nos traz a concepção das habilidades típicas do LMC.

Quadro 2 - Recorte da entrevista final - Sujeito A - Agosto/2012

[...] na área da informática, aqui dentro eu me considero legal, dentro do projeto, da proposta e do que eu estou fazendo, ta bom [...].

Fonte: informações coletadas com os participantes da pesquisa.

Na evidencia do (Quadro 2), observa-se que o sujeito A após dois anos de participação em nosso grupo de pesquisa mostra-se, na entrevista final com a autoestima elevada bem como, demonstrando confiança em si próprio como também em relação a sua conduta diante do grupo.

Esta ocorrência remete a Wenger (1998) quando menciona que, aproximadamente, todo aprendizado que se dá por meio das Comunidades de Prática advém do processo de aculturação e descobertas, em que os indivíduos pertencentes a este grupo adentram na questão cultural e se apropriam dos elementos presentes nesta prática e, em seguida, transmitem aos pares envolvidos. Dessa etapa, passam para as descobertas inseparáveis do aprendizado, vivenciando a imitação e experimentação. Acredita-se que a participação no grupo o sujeito A possa ter contribuído para que o sujeito A reflita sobre sua vida e as possibilidades de aprendizado. O registro do diário de campo da pesquisadora registra esta reflexão sobre a vida no grupo de pesquisa.

Quadro 3 - Recorte da entrevista final - Sujeito A - Agosto/2012

[...] o que eu aprendi a união, trabalhar juntos, participar juntos, que antes eu era individualista, eu achava que eu tinha que resolver, você tem que dar a mão pra mim, a mão pra ele, senão o bicho pega [...]

Fonte: informações coletadas com os participantes da pesquisa.

A evidência (Quadros 3), remete aos estudos de Berger e Luckmann (2011) quando abordam sobre os hábitos e ainda alertam afirmando que os que sujeitos participam de experiências em comum ficarão sedimentadas intersubjetivamente, podendo se estabelecer um profundo laço entre esses sujeitos.

Contudo, esta experiência é marcada e transmitida pela linguagem, e somente é acessível para os sujeitos que a vivenciaram partindo de uma aprendizagem onde o conhecimento através das comunidades virtuais constituídas por agrupamentos de sujeitos que

possuem fins específicos e utilizam TIC como meio de promover as trocas constituídas nas redes sociais.

Ao final da pesquisa, percebe-se um sujeito A amadurecido e analítico. Em função disto, observa-se a presença do LE. Neste letramento, o computador, como artefato, não garante que os letramentos sejam dominados. Assim, para este letramento, pressupõe-se tanto uma apropriação de habilidades para utilização da tecnologia, assim como, de práticas culturais do meio digital (FRADE, 2009), ou seja, o letramento encontra-se fundamentado em habilidades linguísticas do sujeito e das habilidades e atitudes para o seu uso no ciberespaço.

Para Vygotsky (1998) é por meio desta ação recíproca entre sociedade e indivíduos que são internalizados valores e conteúdos compartilhados responsáveis por contribuírem para a formação da personalidade e do desenvolvimento humano. É neste dinamismo que os indivíduos constroem a intersubjetividade através da relação com o outro, tendo como mediação o cenário social. Assim, o “eu” é construído pelo olhar do “outro” e vice e versa configurado no processo de partilha social.

CONCLUSÃO

Para responder a questão norteadora, analisar as mudanças que se evidenciam nas práticas culturais destes sujeitos quando mediadas pela tecnologia, baseou-se na proposta de análise que se fundamentou nos letramentos estudados por Warschauer (2006). Escolheu um sujeito A. Este sujeito entrou em nosso grupo de pesquisa com imagem deteriorada e em um nível de entendimento do uso das tecnologias bem baixo, ele não conseguia sequer ligar o computador sem ajuda.

A cada novo encontro observou-se que sua conduta modificava-se gradativamente. Percebemos que o sujeito apropriou-se de modo moderado ao Letramento via Computador (LC), aprendeu a ligar e desligar o computador, mas não aprendeu a criar e salvar pastas. Observou-se que o Letramento Informacional (LI) ainda é vivenciado de forma moderado, o sujeito passou a ter mais habilidade crítica para realizar suas pesquisas, por meio de boas perguntas na rede. O Letramento Comunicacional mediado por computador (LMC) foi utilizado com frequência através do e-mail e nas interações no grupo na rede. Contudo ainda foi de ordem moderada,

pois o sujeito A apresentou certa dificuldade em utilizar a interação na rede social utilizada (Facebook). O Letramento Multimídia (LM) foi caracterizado como de ordem limitada, pois o sujeito apenas enviou um e-mail com este formato em que se verificou a combinação de textos, planos de fundo e fotos. O Letramento Eletrônico (LE) constatou-se que se encontra no nível limitado, pois o sujeito apresenta-se com baixo nível criticidade observado por meio de sua conduta na rede. Esta categoria encontra-se associada as habilidades linguísticas e atitudes desempenhadas na rede (WARSCHAUER, 2006).

Ao finalizar a pesquisa e analisando o percurso deste sujeito ao longo do período, constata-se que o sujeito A melhorou a sua autoestima e encontra-se mais participativo na rede, conforme os tipos de letramentos já aqui identificados. Influindo também em sua qualidade de vida.

Sobre as delimitações, durante nossos encontros buscou-se planejar esses de acordo com as características peculiares deste grupo.

A respeito dos desdobramentos desta pesquisa, observou-se que a afetividade constituiu-se como um tema bastante evidenciado nas interações com o grupo.

REFERÊNCIAS

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CASTELL, M. A Sociedade em Rede. 11. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008. v.1.

FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Tradução de Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRADE, I. C. A. S. Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do sistema de escrita. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Org.). Letramento digital: aspectos sociais e práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2009.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties: network theory revisited. *Sociological Theory*, [s. l.], v. 1. p. 201- 233, 1983.

HINE, C. Virtual methods and the sociology of cyber-social-scientific knowledge. In: HINE, C. (Ed.). *Virtual methods: issues in social research on the internet*. Oxford: Berg, 2005. p. 1-13.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Primeiros resultados definitivos do censo 2010: população do Brasil é de 190.755.799 pessoas. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1>. Acesso em: 10 jul. 2012.

KACHAR, V. Terceira idade: aprendendo revelando potencialidades. São Paulo: Cortez, 2003.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KOZINETS, R. V. Netnography: doing ethnographic research on-line. Londres: Sage, 2010.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEVY, P. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LUDCKE, M. André, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora pedagógica e universitária 2012.

NERI, A. L. (Org.). Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

_____. _____. 3. ed. Campinas: Alínea, 2008.

_____. Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2011.

PASSERINO, L. Pessoas com autismo em ambientes digitais de aprendizagem digitais: estudo de processos de interação social e mediação. 2005.305 Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PASSERINO, L. M.; PASQUALOTTI, P. R. A inclusão digital como prática social: uma visão sócia histórica da apropriação tecnológica em idosos. In: PORTELLA, M; GAGLIETTI, M.; PASQUALOTTI, A. Envelhecimento humano: saberes e fazeres. Passo Fundo: UPF, 2006.

PASQUALOTTI, P.; PASSERINO, L. Critérios de usabilidade e de acessibilidade em software de construção de narrativas colaborativas. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO SOBRE

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br



TECNOLOGIAS DE APOIO A PORTADORES DE DEFICIÊNCIA (IBERDISCAP), 4., Vitória, 2006. Atas... Vitória: UFES, 2006. p. 20-22.

PASQUALOTTI, P. R.; PASSERINO, L.; BEZ, M. R. Atelier digital, uma proposta inovadora: relato de experiência com a terceira idade. Revista Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 1-8, 2006.

PEIXOTO, C. E.; CLAVAIROLLE, F. Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

SOARES, M. As muitas facetas da alfabetização. In: abetização e letramento. São Paulo: Contextos, 2003.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WARSCHAUER, M. Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate. São Paulo: Senac, 2006.